



A familia sagrada (quadro de Josué Reynolds)

Que mais poderemos nós acrescentar ao que dissemos, ainda que mui resumidamente, em o n.º 12 deste semanario ácerca de Josué Reynolds, auctor do quadro, cuja copia fiel apresentamos hoje?

E, tambem que mais ha a dizer sobre a escola de pintura ingleza, que a nossa imprensa não tenha já publicado?

Disto, não pôde, nem deve deprehender-se que julgamos insignificante o papel que os inglezes teem representado no vasto e magnifico theatro das bellas-artes, E, talvez nos não enganemos; se quizessemos entrar minuciosamente no assumpto, não nos escassearia materia nova, e, por consequencia, sufficiente para prender a attenção dos nossos illustrados leitores. Mas não é esse o nosso intuito por hoje; o que, porem, nos cumpre fazer, o que de todo o ponto se torna indispensavel é dizer alguma cousa com relação á nossa gravura.

É ella copia, como acima dissemos, de um qua-

dro admiravel, talvez o melhor, de Josué Reynolds, e servio para illustrar a magnifica Biblia de Macklin.

O assumpto é bastante conhecido: — A *familia sagrada* — e inspirou os mais notaveis artistas. Depois da restauração da pintura pelo grande Cimabue, chegou até a ser uma especie de mania entre os grandes mestres, o reproduzirem na tela, com toda a força do seu idealismo, aquelles quatro venerandos vultos, que tão artisticamente, se veem desenhados e gravados na estampa que acompanha este artigo. Mas ninguem como Raphael, Carlo Dolcei, Rembrandt e Josué Reynolds soube tirar tão grande partido deste objecto.

«A principal belleza do quadro de Josué Reynolds, consiste na riqueza do colorido e na admiravel disposição do claro-escuro. Afim de que a tunica da virgem podesse harmonisar com a encarnação do menino Jesus, e mesmo com a da propria Virgem, o artista empregou uma cor clara com tal arte e modo, que, entrando nella uma

insignificante parte de vermelho, o effeito geral apresenta á vista aquella com a maior suavidade e belleza. Mas não é só no colorido e na boa disposição do claro escuro que sobressae o quadro de Reynolds; nelle se admira tambem a pureza e simplicidade do desenho, e a verdade e a naturalidade das expressões; o que o fez classificar como a obra mais primorosa daquelle celebre pintor.»

A PRAÇA DE MAZAGÃO NO TEMPO DE D. JOÃO V

I

A guerra de Argel nunca foi para a França outra coisa senão uma rude escola, onde se formaram, principalmente durante o reinado aliás pacifico de Luiz Filipe, os novos exercitos, dignos herdeiros das tradições do grande exercito de Napoleão, que juntaram os nomes gloriosos d'Alma, Inkermann, Maggenta, e Solferino aos nomes d'Austerlitz, Iena, e Marengo. A guerra d'Argel não é, por conseguinte, senão uma continua guerra de escaramuças com as tribus arabes, realçada apenas uma ou outra vez por algum feito de armas mais brilhante, como a tomada de Constantina, ou a batalha d'Isly ganha sobre os Marroquinos. Outra coisa não foi tambem durante longos seculos a lucta constante que se travou em torno das nossas praças africanas, e, principalmente, á roda de Mazagão, cujas muralhas deviam estar vermelhas de tanto sangue portuguez que ali inutilmente se derramou desde os principios do seculo XVI até aos fins do seculo XVIII, em que essa amaldiçoada cidade foi afinal cedida aos Marroquinos por tratado que el-rei D. José, ou antes, o seu primeiro ministro, marquez de Pombal, assignou.

O marquez de Pombal era um homem positivo, e debaixo do ponto de vista da utilidade publica fez bem, realmente, em desprender do escudo d'armas portuguez esses baluartes que precisavam sempre sempre dum sanguineo cimento; mas o poeta, mas o scismador lamenta que assim perdessemos esse brasão glorioso e animador, porque nos attestava ser a nossa decadencia devida não á degeneração dos portuguezes, mas ao aviltamento dos governantes, e á influencia fatal do monachismo que esterilizava nos espiritos os germens generosos que a natureza nelles depozera.

Com effeito, Mazagão merecia, mais ainda do que Arzilla e Çafim, as magnificas lamentações que o sr. Alexandre Herculano põe na boca do velho adail d'Africa. Nos baluartes de Mazagão vieram, durante tres seculos, expirar os obstinados ataques da mourisma, e os albornozes serracenos volteiaram tão debalde, infunados pelo vento, diante das muralhas onde apontavam os elmos polidos dos portuguezes de D. Manoel e de D. João III, como diante dos redentes e lunetas onde se divisavam as cabelleiras de cachos dos sargentos-móres de D. João V.

Repetimos; a guerra d'Argel, de que os francezes tanto se ufanam, foi, durante tres seculos, por assim dizermos, o mantimento quotidiano dos nossos soldados. Mas, zelosos da sua gloria, os francezes apressaram se a confiar aos mil eccos da fama os nomes dos seus bravos, a noticia das

suas façanhas; Léon Plée consagrou de proposito a essa guerra um volume que os buris dos gravadores correram logo a illustrar; o theatro mesmo reproduzio immediatamente alguns dos episodios mais dramaticos dessa epopéa, entre nós obscura. Os nomes dos generaes Lamoricière, Changarnier, Cavaignac, Bedeau, Duvivier, Yusuf, do capitão Lelièvre o defensor de Mazagran, adquiriram a immortalidade, graças aos seus feitos de armas nas escaramuças e razzias africanas; e os nomes dos nossos heroes, que intrepidamente luctaram, defendendo, palmo a palmo, o terreno protegido pela sombra da bandeira portugueza, esses jazem ignorados no fundo dalgum bacamarte pulverulento, donde só tenta evocal-os algum scismador que tenha, como eu, uma veneração sincera e ardente por tudo quanto possa illustrar o nome da nossa tão vilipendiada patria.

II

Mazagão foi, como dissemos, desde a sua conquista, um dos theatros mais gloriosos do valor portuguez. Escusamos de lembrar a sua defeza no tempo da menoridade de D. Sebastião, porque essa immortalizou a fr. Luiz de Sousa, engastando a nas paginas doiradas da sua *Vida do arcebispo*. No tempo da dominação hespanhola deu-lhe novo lustre o seu heroico governador D. Jorge de Mascarenhas, ácerca do qual alguma coisa dissemos no antecedente volume do *Panorama*. Vejamos agora o que ali se praticou durante o beato reinado do sr. D. João V de freiratica memoria.

Em 1795, era governador de Mazagão Antonio de Miranda Henriques. Era uma vida de continuos sobresaltos a da guarnição dessa praça africana; e em pleno seculo XVIII tinham ali os portuguezes uma existencia semelhante á que os nossos antepassados levavam nas praças fronteiras nos seculos XII e XIII, quando os sarracenos occupavam uma parte do nosso territorio, e vinham saltar os habitantes até junto das muralhas dos castellos. Conservavam-se todos os antigos postos de adail, de almocadem e de atalaya, porque o seu serviço era tão necessario como dantes. Para irem apanhar a lenha precisavam os habitantes de Mazagão de serem acompanhados por força armada, como nas antigas azarias, e custava sempre derramamento de sangue o serviço mais simples que se fizesse fóra das portas da fortaleza.

Tinha o governador já escarmentado os mouros nesses repetidos encontros. A 25 de maio uma expedição commandada pelo adail Antonio Diniz do Couto déra uma vigorosa lição a um troço de inimigos, que tinham, tres dias antes, aprisionado, por traição, dois soldados de cavallaria nossos: Furioso por este successo, resolveu o scheick de Mequinez tomar ampla vingança. Na noite de 8 de dezembro uns mil arabes, favorecidos pelas trevas, vieram silenciosamente formar um cordão de emboscadas em torno dos baluartes, de fórma que, ao alvorecer, assim que saisse a gente para o córte da lenha, ficasse o destacamente completamente envolvido e provavelmente todo prisoneiro.

Saio lhe a empreza á medida dos seus desejos. Os atalayas, vigiando no cimo das torres, não distinguiram dos vagos rumores da noite o leve

ruido da emboscada; e pela manhã, quando o destacamento dos forrageadores avançava descuidado, vio, de subito, levantar-se de todos os lados, como um bando de demonios, uma turba de beduinos, brandindo as longas carabinas. Esta appareição desconcertou primeiro os nossos soldados, que recuaram em desordem, mas defendendo-se sempre, para o sitio chamado da Coutada. Comtudo, a partida era desigual, e a força portugueza teria ou de morrer até ao ultimo homem ou de se entregar prisioneira, se o governador, que não descancava, tendo noticia do rebate, não enviasse, a toda a pressa, dois piquetes de infantaria a sustental os. Ao mesmo tempo enviou ao flanco direito, a marche marche, a companhia de Manoel de Azevedo, debaixo do commando do ajudante Manoel de Pina. A chegada desta força, que levou o numero dos combatentes a cento e cincoenta soldados, impedindo os beduinos de tornearem e envolverem o destacamento que retirava, restabeleceu um tanto o combate; mas a victoria declarou-se, definitivamente, pelo nosso lado quando o sargento-mór D. José Joaquim da Silveira partio, a todo o galope, com oitenta homens de cavallaria, e, torneando os inimigos pela esquerda, lhe caio de subito na retaguarda. Então, a derrota foi completa; tão promptos em accometter como em fugir, os sarracenos dispersaram-se com incrível rapidez, não sem terem deixado no campo da batalha uns quarenta mortos e um grande numero de feridos.

Este combate que não tem o minimo valor strategico, pois é apenas uma escaramuça, tornou-se notavel pela desproporção das forças. Foram, no principio do combate uns vinte ou trinta portuguezes, e no fim duzentos e trinta, os que sustentaram o choque dum milhar desses intrepidos inimigos.

Não estavam ainda perdidas, como veem, as tradições de Duarte Pacheco.

Foi este o combate mais importante do governo de Antonio de Miranda Henriques, ainda que não descontinuassem os Mouros de investir a praça, sendo sempre repellidos com perda. A 20 de dezembro vieram tambem, em grande numero, insultar-nos, mas a artilharia da praça, dirigida pelo capitão engenheiro Dyonisio de Castro, varejou-os, matando-lhe o chefe, e logo depois, saindo a campo a cavallaria portugueza, commandada por Matheus Valente do Couto, pol-os em completa derrota. A 11 de março de 1726 saltaram uns trezentos homens os nossos forrageadores. Estes recuaram, até se porem ao abrigo da nossa artilharia, e logo depois reforçados tomaram a offensiva compellindo o inimigo á retirada, e ferindo-lhe gravemente um dos chefes. A 18 de março voltaram e foram igualmente repellidos. Tornaram, em maior numero, a 29 de março, e travaram uma renhida peleja, em que se distinguio Manoel Vaz de Castro, que, tendo o cavallo morto, se defendeu a pé contra cinco arabes, até que, recebendo sete feridas, caio desfallecido, e seria prisioneiro, se dois soldados o não soccorressem pondo em fuga o inimigo. Dessa vez retiraram os Mouros escarmentados, porque no sitio chamado do Facho, aonde habitualmente se acolhiam, estava preparada uma mina. Um portuguez intrepido deitou fogo ao rastilho, e um grande numero de Mouros voaram pelos

ares, quando se julgavam já a abrigo da furia portugueza. Desta vez foi a lição tal que só mezes depois, no dia 3 de julho, ousaram voltar á carga, sendo, como de costume, completamente destrocados.

Em 1728 era commandante de Mazagão João Jaques de Magalhães. A 16 de maio appareceram sobre a praça uns seiscentos Mouros. Saio a repellil-os o capitão Manoel d'Azevedo Coutinho, que deu uma prova daquella intrepidez antiga que tanto admiramos nos Espartanos e nos Romanos primitivos. Aos primeiros tiros caio morto seu filho; o pae, reprimindo a dor que o lacerava no intimo, não se afastou nem um passo do seu posto. A angustia só lha conheceram os Mouros no bravo impeto com que os carregou, sem attender á desproporção do numero. Quando chegou a cavallaria portugueza já os inimigos, espantados da inesperada furia, fugiam a unhas de cavallo na direcção d'Azamor.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

OS REINOS DA NATUREZA

Lynceu distinguio os seres naturaes em tres reinos: *mineral, vegetal, e animal*.

A expressão conceituosa desta distincção, tal como a apresentou Lynceu, é a seguinte:

= Os mineraes crescem; os vegetaes crescem e vivem; os animaes crescem, vivem e sentem.
= *Mineralia crescunt; vegetalia crescunt et vivunt; animalia crescunt, vivunt et sentiunt.*

Muito mais tarde consagrou Geoffroy Saint-Hilaire a distincção dos seres naturaes em *quatro reinos*: mineral, vegetal, animal, humano.

Logo veremos se é justificado o accrescentamento do *reino humano*; cumprindo-nos primeiramente notar que antes de Geoffroy Saint-Hilaire já Grimaud de Caux havia estabelecido aquella distincção. — Muito antes, em 1544, já esta distincção tinha sido adoptada por Santo Ignacio de Loyola, o famoso fundador da Companhia de Jesus.

Que tem que ver Santo Ignacio com uma questão de historia natural? Muito, neste caso; pois que, nos seus *Exercicios Espirituaes*, apresentou a seguinte formula: *Esse; esse et vivere; esse, vivere et sentire; esse, vivere, sentire et intelligere*. Esta formula torna-se ainda mais frisante, como expressão precisa do pensamento, desde que se attenta nas palavras que a precedem, e que, em linguagem, tanto dizem como isto: — Deus concede aos elementos unicamente a existencia; ás plantas, afóra isso, a vida por meio da vegetação; aos animaes o acrescimo do sentimento; aos homens, enfim, além dos antecedentes predicados, a intelligencia. —

O padre Moigno, que communicára este ultimo apontamento a M. Saint-Hilaire, achou depois noticia de que tambem consideraram o genero humano como reino distincto Hemolaus Barbarus em 1553, e S. Gregorio Magno no seculo VI.

Será, porem, admissivel a idéa de — *reino humano*?

Babinet diz que a natureza nos offerece quatro ordens de principios, de essencia distincta: o ente simples, ou a materia dotada de propriedades mechanicas, physicas e chemicas; a vida, ou a organização nos vegetaes, nos animaes e nas raças humanas; o instincto e a vontade no

animal e no homem; e, finalmente, a alma, ou o principio pensador, no homem e só no homem. — Deste modo, e seguindo as regras do systema experimental, que admite os seres como distinctos, quando a observação nos faz conhecer nelles differenças fundamentaes, insiste Babinet em fazer reconhecer quatro reinos da natureza, isto é; o reino mineral ou inorganico; o reino vegetal, que possui a materia e a vida: o reino animal, que junta áquelles dois principios o do instincto; e, finalmente: o reino humano ou intellectual, que, possuindo os tres principios constitutivos do reino animal, offerece ainda o principio da intelligencia ou da alma, — principio que a raça humana possui, com exclusão dos animaes.

Mas, apertêmos ainda mais o ponto, ouvindo um naturalista distincto, M. A. de Quatrefages.

No entender deste naturalista, o homem differre tanto do animal, e pelo mesmo titulo, quanto o animal differre do vegetal: de per si deve formar um reino, o *reino hominal*, ou *reino humano*, — e este reino é caracterisado precisamente por caracteres, da mesma ordem daquelles que separam uns dos outros os grupos mineral, vegetal e animal.

Quaes serão esses caracteres? Serão acaso a organização, a estrutura, e o jogo dosapparelhos? — Não. Ha muito tempo que a anatomia e a physiologia comparadas responderam negativamente.

Serão acaso característicos a estacão vertical e o *os sublime*? — Não. Muitos animaes têm esse attributo, embora progressivo no homem, mas não essencialmente novo.

Serão acaso distinctivas as faculdades do espirito? Neste ponto encontramos já differenças consideraveis, e quasi que nos aproximamos das raias que separam o reino animal—do reino humano.

As proprias expressões de M. de Quatrefages são aqui indispensaveis, porque têm a authoridade do naturalista:

==O animal tem o seu quinhão de intelligencia; e as suas faculdades fundamentaes, quanto sejam menos desenvolvidas do que as do homem, não deixam por isso de ser as mesmas na essencia. O animal sente, quer, lembra se, raciocina, e a exactidão e a segurança dos seus juizos, têm por vezes o quer que seja de maravilhoso, ao passo que os erros que lhe vemos commetter não são o resultado de uma força cega e brutal. Alem disso, entre os animaes, e d'um grupo para outro, encontram-se desigualdades muito grandes; assim, tomando apenas em consideração os vertebrados, vemos que as aves, muito superiores aos peixes e aos reptis, ficam muito abaixo de certos mammiferos. Encontrar acima destes ultimos outro animal de uma intelligencia muito superior... não seria, pois, cousa que houvesse de espantar: haveria apenas uma differença de menos para mais; mas não um phenomeno radicalmente novo. ==

E a *linguagem*?

Ainda M. de Quatrefages não descobre um característico neste attributo, isto é, no dom da palavra, ou da *voz articulada*. — Animaes ha que possuem a linguagem, e della se servem tanto quanto é necessario para as suas necessidades, e para as relações que entre si mantêm. — Essencialmente essa linguagem não differre da do ho-

mem, nem pelo mecanismo da sua producção, nem pelo fim a que se destina, nem pelos resultados. Logo, descobrimos apenas um progresso, um aperfeiçoamento — consideravel, sem duvida —; mas não uma entidade essencialmente nova.

Talvez que as faculdades do coração, que dependem do instincto e da intelligencia, sejam o característico, que distingue o homem — do animal?

Tambem não. Os animaes amam e aborrecem; algumas especies levam ao extremo a dedicação pelos filhinhos; em outros, ha como que uma antipathia instinctiva para outras especies; a educação desenvolve e aperfeiçoa certos germes de sentimentos nos animaes domesticos; e, finalmente, encontramos, por exemplo, alguns cães que são affectuosos, acariciadores, amorosos, ao passo que outros são colericos, brigosos, odientos. Bem examinado o caso, pôde dizer se que é este o *character* que mais avizinha o homem — do animal.

Qual será pois o verdadeiro distinctivo? No conceito do naturalista que temos acompanhado, a *moralidade* e a *religiosidade* são universaes no homem, ao passo que faltam em todos os animaes. Entende-se por *moralidade* a noção abstracta do bem e mal moral; e a *religiosidade* tanto quer dizer como a noção da divindade e da vida futura. — Debaixo deste ponto de vista, e reunindo todos os caracteres do ser humano em uma formula Lyneana, podemos dizer: = *O homem é um ser organizado, que vive, sente, e se move espontaneamente, dotado de moralidade e de religiosidade.* =

Eis aqui a conclusão a que chega M. de Quatrefages: = Em resumo, o homem é pesado e sujeito ás forças physico-chimicas, do mesmo modo que os corpos brutos; é organizado como os vegetaes e os animaes, — e do mesmo modo que estes ultimos, sente e se move voluntariamente. Por consequencia, no seu ser material, não ha outra cousa que não seja um animal — aperfeiçoado a certos respeito, menos perfeito debaixo de outros aspectos, do que muitas especies animaes. A sua intelligencia, muito mais completa, e incomparavelmente mais desenvolvida, infinitamente o eleva acima dos outros animaes, mas não é bastante para os separar delles. Se é um ente á parte, se deve formar um reino, é porque se manifestam nelle faculdades de uma ordem inteiramente nova. = (Estas faculdades, como vimos, consistem na disposição para o conhecimento do bem e do mal moral, e nas crenças religiosas, geralmente espalhadas em toda a humanidade dos differentes tempos e lugares.)

— Encarando a questão por todas as faces, e chegando-se ao rigor de analyse, a que acabam os de assistir, — embora não tenhamos descido ao desenvolvimento de algumas das apreciações: não pôde prescindir-se de admittir a distincção, que acrescenta aos reinos mineral, vegetal, e animal, o *reino humano*. Já de per si o pasmoso poder da intelligencia do homem é bastante, aos olhos de alguns naturalistas, para lhe dar a primazia; se ainda esse predicado não resolve a questão, ahí está o dom da palavra, tão singularmente característico, que muito faz pender a balança para o lado do homem. Se, porem, ainda não fica satisfeito o rigor scientifico, — ahí temos o cara-

cterístico da *moralidade* e da *religiosidade* que distingue cabalmente o homem — do animal, e lhe assigna um *reino* nos dominios da natureza.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.



A greba de crista

As grebas são umas aves da familia das palmípedes mergulhadoras, e têm estes característicos: corpo oblongo; cabeça arredondada; pescoço alongado; bico mais comprido do que a cabeça, robusto, direito; olhos á flor da cabeça; tarsos despidos de pennas; dedos dos pés reunidos na base por uma membrana; sem cauda; azas medianas.

Se os leitores attentarem na estampa que lhes offerecemos, hão de encontrar bem salientes os caracteres que aqui apontamos a respeito da greba de crista, uma das principaes divisões das grebas: grande, e de crista.

Pela sua propria configuração, vê-se desde logo que não poderiam as grebas deixar de ser habitadoras dos mares e dos rios, e de nadar com facilidade; como de feito succede.

A plumagem da greba de crista é macia e assetinada, maiormente a que fica por baixo, e della se fazem lindos e confortaveis regalos para senhoras.

As grebas encontram-se nos mares da Europa e da America; sendo as de crista mais abundantes nas regiões do norte, e principalmente na bahia de Hudson. O tamanho das grebas é o das gai-votas. A carne é gorda, mas de máo sabor, em razão dos alimentos de que se sustentam aquellas aves, e vem a ser, de peixes, de insectos e de molluscos.

É muito interessante a descripção que Buffon faz da greba. Limitando-nos á parte em que falla da facilidade com que ella nada, citaremos a se-

guinte passagem: — A sua agilidade na agua é tanta, quanta é a sua fraqueza na terra: nada, mergulha, corta as ondas, por furiosas que estejam, com incrivel rapidez; etc. —

LEIBNITZ.

(Duas palavras acerca da vastidão do seu espirito)

(Continuado de pag. 341)

Mas, não foi sómente a respeito do direito romano, que Leibnitz mostrou o seu genio; tambem primorosamente fallou da philosophia do direito, do methodo, da codificação. (8) É consideravel o numero de escriptos que Leibnitz compoz sobre assumptos juridicos. Limito-me a indicar, como exemplo, a *Dissertatio de casibus perplexis*, — as *Quaestiones philosophicae amariiores ex jure collectae* — a *Nova methodus discendae docendaeque jurisprudentiae*; etc.

— Em um escripto muito substancial, devido á penna de um inglez, encontro a seguinte phrase: — «Leibnitz has been more principally spokne of as a metaphysician, but it should be remembered that is mathematical fame is as high among mathematician as his metaphysical reputation is among metaphysicians, and perhaps higher.» — Como se dissesse: *Mais distinctamente se tem fallado de Leibnitz na sua qualidade de metaphysico; cumpriria, porem, recordar que a sua fama entre os mathematicos subio tão alta, como a reputação que tem entre os metaphysicos, se não é ainda mais elevada.*

E na verdade, era Leibnitz um mathematico de primeira plana; sendo bastante para a sua gloria neste particular a famosa disputa que houve sobre o calculo differencial, sustentando-se, por um lado, que a Leibnitz pertence a prioridade do invento e desenvolvimento desse difficil ramo das mathematicas, — e por outro, que a prioridade cabia ao grande Newton. Embora a Sociedade Real de Londres decidisse a questão a favor de Newton, é certo que no escripto inglez que já citei encontro esta imparcial asserção: «There is little doubt however that the two methods were equally independent and original; but if the two claims are irreconcilable, the priority of publication gives the presumption in favor of Leibnitz.» — *Seja como fór, pouca duvida pôde haver em considerar os dois methodos (o de Leibnitz e o de Newton) como sendo igualmente independentes e originaes; mas, se não é possivel conciliar as duas pretensões, é certo que a prioridade da publicação estabelece a presumpção a favor de Leibnitz,* (9)

Na propria época em que aquella questão foi agitada, a Europa sábia reconheceu que o philosopho inglez e o philosopho allemão penetraram a mesma luz e a mesma verdade, cada um pela força do seu talento, encontrando-se afinal na essencia das cousas: o que um denominou *fluxões*, chamou o outro *differenças*. — É altamente honroso para o caracter de Leibnitz o modo porque Fontenelle acudio, mais tarde, pelo credito de Leibnitz, absolvendo-o da imputação de haver sido plagiario de Newton: «Os homens ricos não roubam, — e quanto não era Leibnitz rico e opulento? Pois o homem que censurou Des-

(8) *Lerminier, Introduc.* citada.

(9) Veja — *The Penny Cyclopaedia*, vb. *Leibnitz*. — vol. XIII.

cartes por não ter feito justiça a Kepler, emquanto á causa do pezo tirada das forças centrifugas, — e a Smellius, emquanto á relação constante do seno dos angulos de incidencia e de refracção. — artificios mesquinhos, que a Descartes fizeram perder muito de verdadeira gloria: um tal homem... desprezaria a gloria que mostrava conhecer e apreciar em tão subido gráo? Demais, não se descobre em Leibnitz o sentimento da inveja: é elle quem excita toda a gente a trabalhar, — quem procura attrair concorrentes, — quem, nos seus louvores, se arreda dessa circumspecção que receia dizer de mais, — quem se compraz no merecimento alheio: nada disto é característico do plagiario. = (10)

— Faltar-me hia ainda fallar dos seus escriptos historicos, diplomaticos, theologicos: mas levar-me-hia esse empenho muito longe, desviando-me das proporções de um artigo, que apenas tem por fim despertar a curiosidade sobre um homem extraordinario, que foi, ao mesmo tempo, juriconsulto, publicista e diplomatico, theologo, philosopho, historiador e mathematico.

No entanto, sempre indicaremos, muito de passagem, os titulos de alguns trabalhos daquelles tres generos, que passam por ser muito ricos de investigação e de sciencia: *Scriptores rerum Brunswicarum*; — *Codex juris gentium diplomaticus*; — *De jure suprematis ac legationis principum Germaniæ*; — *Ensaio de Theodicea sobre a bondade de Deos, e a liberdade do homem*: etc.

— O philosopho escocez Dugald Stewart disse que o melhor elogio de Leibnitz consistia em que, na presença da historia litteraria do seculo XVIII, podia entrar-se em duvida, se Leibnitz, na época singular em que floresceu, teria acelerado mais o progresso dos conhecimentos pela concentração dos seus estudos, do que realmente o fez pela universalidade das suas aspirações.

Se Leibnitz se fixasse em um determinado ramo de conhecimentos humanos, teria lançado a barra muito além da meta anterior; mas o seu vasto genio, viajando por todas as provincias da intelligencia humana, derramava luz sobre variadissimos pontos, despertava os espiritos, e influencia brios para que em cada especialidade se diligenciasse alargar a esphera dos conhecimentos humanos. O impulso que elle deu ás letras e ás sciencias, não teve sómente por instrumento os seus escriptos: tambem a sua appareição em diversas cidades da Europa, o tracto com os primeiros homens instruidos do seu tempo, e os conselhos e animação que delle sollicitavam os soberanos... muito contribuíram para a actividade litteraria e scientifica, que em seu tempo se desenvolveu.

Em confirmação deste modo de encarar o grande Leibnitz reproduzirei aqui as muito auctorizadas expressões de M. Charles de Rémusat: = É sabido que a obra de Leibnitz é quasi toda *fragmentaria*... Disseminou elle o seu pensamento em uma grande quantidade de dissertações, de memorias, de notas, de cartas, e, enfim, de artigos destacadas, etc. —

O illustrado sr. Rémusat, penetrado da vastidão e profundidade do genio de Leibnitz, opina que se deve reunir tudo o que este escreveu, porque tudo é precioso, tudo é necessario para

se conseguir completar o que elle chama — obra de Leibnitz. — O meu empenho, porem, neste humilde artigo, é sómente chamar a attenção do commum dos leitores sobre um homem extraordinario; e para que se veja que não tem havido exaggeração nas noticias que ficam exaradas, vou apresentar os traços com que o mesmo escriptor assignála as aptidões diversas de Leibnitz, por occasião de fazer sentir as vantagens que tinha sobre Bossuet na questão religiosa, em que se debateram:

= Leibnitz... pensador independente, mas sem missão, sem preocupações; cuja intelligencia universal tudo trata, tudo discute, penetra, aprofunda, e nenhum genero de saber, nenhum descobrimento, nenhum systema, nenhum raciocinio engeita; espirito **fortificado** por todo o genero de estudos e de trabalhos, exercitado em todos os problemas, acostumado ás mais mysteriosas questões da sciencia e da natureza, familiarizado com o infinito pela criação do calculo differencial: este homem, que sabe tudo, comprehende tudo, reforma tudo; etc. etc. = (11)

— Abençoada seja a Providencia, que no espirito de um só homem accumulou tamanha capacidade, e acendeu um tão luminoso facho! *Nomen sempiternum dabo eis, quod non peribit.* (Isaiae Prophet. 56. 5.)

JOSE SILVESTRE RIBEIRO.

BEATRIZ

Scenas da vida intima dos Açores no seculo XVIII

(Continuado de pag. 346)

XXIV

Neste ponto é mister dar uma idéa do caracter de Alvaro de Sousa, afim de se entender o papel que elle representou nesta historia.

Alvaro de Sousa nascera em S. Miguel, de uma das mais antigas e nobres casas dos Açores. Longe, porém, de ficar no regaço da familia, entregue ao *dulce far niente*, que captivara aqui os filhos, segundos do seu tempo, e a que tanto os convidara a doçura do nosso clima, e de viver no ninho paterno, á sombra da instituição vincular, sentira as nobres aspirações de se avantajarem numa carreira publica. As armas, que então eram a mais fidalga profissão, captivaram-no e prenderam-lhe a attenção desde que largou Coimbra.

Abalisado nos campos da batalha e nos governos de que fôra encarregado subio depressa aos mais altos postos.

Neste tempo contava 50 annos e era general. Então residia elle nas Furnas, em casa do sr. Hikling, com quem tivera o seguinte dialogo:

— General, que lhe disse eu, notou o sr. Hikling, que estava na sua sala, recostado numa cadeira de braços, Beatriz amava o conde?!

— Não duvido, replicou o general, mas ella casa com Fernando Affonso.

— Beatriz casa com Fernando Affonso!? disse o sr. Hikling, muito admirado.

— Pois que lhe ha de ella fazer? A mãe exige-o? Acrescentou o general.

— E v. ex.^a approva essa arbitrariedade? observou o sr. Hikling, indignado pela placidez com que o general lhe fizera essa reflexão.

(10) Veja o interessante artigo — Leibnitz — no tomo X do *Dictionnaire universel historique*.

(11) Leibnitz et Bossuet d'après leur correspondance inédite, par M. Charles de Rémusat, de l'Académie Française. (Rev. des deux mondes. 15 de Janeiro de 1861.)

—V. ex.^a julga-me com coração de capitão mór? tornou o general, excitado pela pergunta do cavalheiro americano. Engana-se, porém. De arbitriedades sou inimigo figadal, e, accrescentou elle, levantando-se do sophá, em que estava encostado, os actos da minha vida provam no de sobejo. Quer v. ex.^a saber o que me aconteceu, quando estive com o governo de Cabo Verde?

—Quero sim senhor. V. ex.^a sabe que folgo sempre de o ouvir.

—Pois eu lhe conto o que lá me succedeu. No mirante de um convento fronteiro ao meu palacio, brilhavam ás vezes uns olhos tão formosos e travessos que quanto mais os via mais me crescia o desejo de os ver. Aquelles olhos tinham magico condão, que me encantava. De governador me transformaram elles em trovador, e me fizeram passar horas esquecidas a miral-os.

—E soffriam elles as mudas contemplanções do meu amigo?

—Queira v. ex.^a perdoar; mas se deseja ouvir a minha historia ha de ter a paciencia de esperar mais algum tempo, porque nós, os velhos, folgamos de fallar de espaço das cousas do nosso tempo.

—Já me calo, general, e sou todo ouvidos.

—Como lhe dizia, ella appareceu-me no seu mirante e eu esqueci-me de que tinha cabellos brancos e cuidei que havia conquistado o coração da virgem candida dos meus sonhos. Informei-me da familia, a que ella pertencia, e disseram-me que era filha unica de um rico morgado. Requestei-a e fui bem acolhido pelo pae, que logo me apresentou á filha, como seu noivo. Como, porém, este fosse viuvo, quiz que o noivado se passasse nas grades das freiras. Frequentei-as e notei que de dia para dia augmentava a sua melancolia. Desconfiei de tanta tristeza, suspeitei que havia amor occulto, que a torturava e entreguei-lhe uma carta, para lhe perguntar se amava alguem e lhe pedir que me respondesse com toda a franqueza; porque eu só desejava saber o, para lhe prestar bons serviços. No outro dia recebi uma carta

—Em que, notou o sr. Hikling, lhe faziam calorosas declarações? em que lhe protestavam um amor eterno, salvo o recurso de appellar para um tremendo salto dos muros do convento, nos braços de um amante feliz?

—Não senhor, v. ex.^a é pessimista; não acredita em fraquezas de senhoras; pois, engana-se. Essa menina escreveu-me uma carta franca. Declarou-me com toda a lealdade, que amava outro homem. Terminava essa carta assim; ainda me lembram essas palavras memoraveis para mim e nas quaes transluziam os ardis de uma imaginação feminina: «Se o coração, dizia ella, se podesse governar e dar só ao homem, que nos offerecesse os mais singulares dotes do espirito, seria de certo a v. ex.^a que o meu pertenceria, de ha muito; mas, ainda mal, não está na nossa mão dal-o ou quitá-lo; que uma força superior e occulta nos impelle a amar.» Eu amava Leonor e o seu casamento convinha-me; mas os instinctos do homem de bem eram em mim superiores aos calculos do interesse e aos impulsos da paixão, e, por isso, logo que suspeitei que ella me não amava, resolvi-me a sondar os mysterios daquelle coração e empregar todos os meus esforços, para realisar os seus mais leves caprichos. An-

ceava pela sua resposta, para a servir com dedicação. A sua carta, porém, transformou essa dedicação, filha do raciocinio, em entusiasmo e deu-me novas forças á imaginação, para conceber e realisar um plano rapido e infallivel, afim de alcançar os meus desejos. Dirigi-me ao pae, queivei-me amargamente de me ter enganado e ameacei-o com um alvará regio. que mandaria casar a filha com o amante e entregar-lhe todos os vinculos, que elle administrava, se não consentisse nesse casamento. Colocado nesta posição, o homem cedeu e Leonor casou. O morgado continuou tambem a ser meu amigo, porque se lisongeeu com a ameaça que lhe fiz de solicitar um alvará de el rei, para regular negocios de sua casa.

—Já vejo que v. ex.^a é dos meus, serve-se da authoridade para fazer respeitar a liberdade do coração.

—A mais sagrada de todas as liberdades acrescentou o general, ainda que as outras não são menos para desejar.

—V. ex.^a, tornou o sr. Hikling, andou nesse casamento como um habil diplomata. Porque não acode v. ex.^a agora ao pobre do conde com algum desses estratagemás?

—Veremos o que se ha de fazer, respondeu o general, predisposto a servir o conde. Talvez o alvará de el rei seja excellente alvitre, para intimidar a prima Ignez?

XXV

Pouco depois dessa conversa o general passeava no jardim do sr. Hikling. A sua imaginação comprazia-se ao recordar-se do tempo feliz da sua mocidade, em que o amor revestia com todos os encantos a sua vida. Dores que então lhe cortavam o coração, sons que o embalavam suavemente, emoções que o abalavam, paixões que lhe tumultuavam n'alma se lhe levantavam ante o espirito tão vivazes como se instantes antes o tivessem agitado, e o deixavam repassado de pungentes saudades. A essas recordações, que lhe povoavam a phantasia com imagens proprias para sympathisar com o estado do conde, se casavam por um enlace curioso considerações politicas, que o inclinavam a desejar servir o conde.

As idéas politicas, que se realisam num seculo, vogaram quasi sempre na mente dos philosophos do anterior. Antes de descerem ao mundo pratico, pairaram no ideal e tornaram os mais altos espiritos de uma época superiores aos costumes e instituições que os cercaram. Foi desta arte que Montesquieu e mais algumas almas de eleição encerraram nas suas intelligencias e nas obras primas, porque as revelaram, as theorias liberaes, que, hoje, justificam os nossos governos constitucionaes. O general era um desses homens superiores, crentes no futuro da humanidade e nas suas evoluções atravez do espaço, afim de alcançar a realisação do seu fim, alando-se para o bem.

Souza era um dos poucos portuguezes, versados na litteratura ingleza, que se inspirara do muito amor pelas instituições liberaes.

Aos amores da sua mocidade succederam, pois, aspirações de outra ordem; mas que tinham a mesma origem, a elevação da sua alma e o desejo de cercar a sua vida da aureola, que brilha

em torno do homem que levanta os olhos da imaginação para as cousas do espirito.

A sua posição e idade não o levavam a desejar commoções violentas, o general anhelava pela liberdade, não a desejava, porém, filha da revolução, mas das decisões tranquilas dos tres estados, convocados para nos darem uma constituição regular.

Naquelle tempo já elle antevia as discussões das còrtes de 1821, e julgava que não estavam longe os dias, em que para a patria iam raiar novas luzes.

O seu desejo mais ardente era, pois, essa evolução do nosso mundo politico, em que elle desejava desempenhar um papel importante. A sua posição, as suas relações de amizade e de familia, as sympathias que merecia, a gloria que illustrava o seu nome eram outros tantos penhores que asseguravam realisar essa ambição, que era para elle o seu sonho dourado e a flôr mais viciosa que lhe sorria na imaginação.

Todos os alvitres, pois, que lhe podiam grangear sympathias, sorriam-lhe como uma esperança. Assim, quando as saudosas recordações da sua mocidade lhe fizeram surgir a idéa de ser o agente principal do casamento de Beatriz, para logo lhe avultaram ao espirito as vantagens de alcançar a afeição dos dois amantes, que, porventura, lhe podiam ser de bastante prestimo para seus fins politicos.

Quando o general se acabara de recordar dos seus amores, ia no fim de uma extensa rua, orlada de ambos os lados por hortencias. Ao desembocar della deu de frente com um homem, que passeava com agitação na esplanada, que cercava o jardim daquelle lado. Levado pela curiosidade, acercou-se d'elle e reconheceu o conde.

E' impossivel descrever a agitação do conde nesse momento. Havia sete dias que Beatriz saíra das Furnas. Os primeiros seis passara elle num estado de prostração indizivel, mas sem cuidados que o abalasses em extremo. Dizia se até que D. Ignez largara as Furnas a fim de assistir ao casamento de uma pessoa da sua familia. Fôra essa a mentira que os Maldonados fizeram correr, para afastar D. Fernando de suspeitar cousa alguma. No setimo dia, porém, espalhou se a nova do casamento de Beatriz. Essa noticia apanhou de chofre o conde, que esperava, com ansiedade, para se ir das Furnas, que o sr. Hiking, de quem era hospede, se retirasse tambem. Naquelle instante achava-se elle completamente enleado e commovido. Mil planos lhe suggeriam na imaginação, sem que se atrevesse a executar um só.

O general, conhecendo as impressões que o agitavam, tocou-lhe levemente no hombro. D. Fernando estremeceu todo, como um homem, que fica sobresaltado ao ser surprehendido numa commoção mui visivel.—O conde, disse o general, está atravessando uma crise, que se lhe antolha horrivel, creia que sympathiso com o seu estado e que.....

—Mas v. ex.^a engana-se, replicou muito depressa o conde, levado pelo pudor, que nos faz occultar os sentimentos mais intimos do coração.

—Não me engano, conde, tornou o general com a franqueza de um velho soldado. V. ex.^a soffre a agitação febril, que a paixão nos excita aos vinte annos. Tambem fui rapaz e soffri desse

mal... Vamos lá v. ex.^a tem vergonha de me confessar que ama Beatriz.

—Tenho, general, porque é uma vergonha amar uma mulher, que é tão leviana.

O conde, que até então procurava explicar por mil modos diversos o casamento de Beatriz, sem jámais a querer acusar, naquelle instante temeu a falsa vergonha da sua credulidade ser tomada pela cegueira do amor; é que o coração humano muitas vezes parece comprazer-se em se apresentar por uma forma diversa do que a natureza o talhou. Os seus impulsos naturaes, e o amor proprio do conde, porém, levavam-no a acreditar ainda no amor de Beatriz e, por isso, cobrou elle novo animo, quando o general lhe disse:

—Para que acusa tão depressa Beatriz?! Quem lhe assegura que não é violentada a fazer esse casamento?

—Pois v. ex.^a crê no poder da violencia para obrigar uma mulher a casar?

—Creio, sim, no poder da violencia e ainda mais no da intriga.

—Mas porque não me pediu Beatriz uma explicação?!

—É quem lhe diz que ella o podia fazer? Eu sympathiso com Beatriz, e por isso, hoje mesmo hei de esclarecer este negocio.

(Continua)

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

UMA OBRA DO SECULO IX

(Continuado de pag. 312)

67. Então Abbadella e Mahomat-Iben-Lupia, que sempre foi nosso aliado, assim como seu pae, a quem o Rei Osdonio confiara a educação de seu filho, fez a paz com os Cordobezes, e obrigado por elles declarou-nos guerra. Pelo mesmo motivo as hostes dos Caldeos entraram no nosso reino e combateram o castello de Cellorico, mas só conseguiram uma grande perda.

68. Vigila-Nimenez era na occasião conde de Alava, e chegando com a sua hoste até os confins de Castella, e ao castello chamado Pontecurbo, guerreou por tres dias, mas não conseguiu victoria alguma, e muitos dos seus foram victimas da espada vingadora.

(Continua)

Poesia popular portugueza—Estudos por Theophilo Braga—Historia da poesia popular portugueza, 1 vol.—Cancioneiro popular, colligido da tradição oral, 1 vol.—Romanceiro Geral, contendo a flor dos romances anonymos do cyclo bretão e carlingiano, com um vergel de romances mouriscos, contos de cativos, lendas piedosas e xacaras, 1 vol. Aparecem á luz por todo o mez de outubro. Assignatura dos tres volumes 1\$200 réis. Não se vendem separadamente. Preço avulso 1\$500 réis. Assigna-se nas principaes livrarias de Portugal e do Brazil.

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a collecção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a collecção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:
Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Theouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.